

AS NAUS E TERRA PAPAGALLI: ROTAS E CONFLUÊNCIAS DA LITERATURA E DA HISTÓRIA

Jacimara Vieira dos SANTOS¹

RESUMO: Reconhecer o que a narrativa histórica e a narrativa literária têm como pontos de confluência é, sob muitos aspectos, estarmos atentos ao que ambas põem em operação para configurar seus textos e suas composições, embora possam descrever rotas diferenciadas. Este trabalho parte da premissa de que a partir das paridades entre a literatura e a História, as figurações da nacionalidade (brasileira e portuguesa) que encontramos em *Terra Papagalli*, de José Roberto Toreiro e Marcus Aurelius Pimenta; e em *As naus*, de António Lobo Antunes, dão conta dos entrecosques contínuos entre o passado e o presente, suscitando problemáticas subentendidas na dificuldade de conciliação entre estes tempos.

Palavras-chave: Literatura. História. Nacionalidade

ABSTRACT: Recognize that the historical narrative and literary narrative have the point of confluence is, in many aspects, be aware of what both put into operation set up their texts and their compositions, though they may describe different routes. This works starts from the premise that the parities between literary and history, the characterizations of nationality (Brazilian and Portuguese) that found in *Terra Papagalli*, by José Roberto Toreiro and Marcus Aurelius Pimenta, as in *As naus*, by António Lobo Antunes, give further evidence of continuing clashes between past and present, posing problems implied by the difficulty of reconciling these times.

Keywords: Literature. History. Nationality

Os romances *As naus* (1989) e *Terra Papagalli* (1998) apresentam composições literárias que induzem ao questionamento da narrativa historiográfica oficial, contrariando os intercursos universalizantes da História. Diante dessas constatações, o presente trabalho procura desenvolver uma análise acerca das referidas obras, observando as rotas e as confluências existentes entre a Literatura e a História.

História e ficção aparecem, no contexto dos romances aludidos, como meios de refletir sobre os processos móveis de significação e re-significação dos sujeitos históricos e das versões hegemônicas sobre a História

Instaurando, através do recurso à ironia e dos elementos metafóricos, um jogo com a memória e com a narrativa oficial da História, *As naus* e *Terra Papagalli* revelam disjunções e suscitam novas focalizações sobre as figurações da nacionalidade.

Não se deve deixar de levar em consideração as várias oportunidades em que os órgãos políticos do Estado Nacional procuraram se valer das representações literárias para seus propósitos específicos – quase sempre buscando a afirmação de um modelo de

¹ Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

nacionalidade que fosse ideologicamente adequado aos seus interesses. Para Hugo Achúgar (2006. P. 161):

O discurso nacionalista tem funcionado para a configuração de imagens, disfarces, relatos e processos que, ao mesmo tempo em que ocultam uma identidade, constroem outra. Máscaras, maquiagens discursivas, posições de enunciação a serem ocupadas por um conjunto de indivíduos, ou por um sujeito que, desse modo, propõe-se a ser o possuidor de um patrimônio, de uma história. Máscaras e maquiagens que esquecem e encobrem outros rostos, outras histórias, outras memórias, outras múltiplas memórias.

A construção da nação, em termos de uma modalidade discursiva, explicita a memória e a história como territórios constantemente disputados, ao passo que confirma a nação como textualidade, amparando-se em representações ficcionalizadas, pois, segundo Geoffrey Bennington (APUD Achúgar, 2006, p. 162) “Na origem de uma nação encontramos a história ficcional acerca da origem da nação.

Assim, os percursos narrativos de António Lobo Antunes em *As naus* e dos autores José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta em *Terra Papagalli* passam, invariavelmente, pela memória nacional, respectivamente, de Portugal e do Brasil.

Não obstante, os cruzamentos cronológicos de ambos os romances citados conferem outro *status* ao passado e dão um caráter de deslocamento ao presente.

O narrador de *As naus* assim inicia seu relato:

Passara por Lixboa há dezoito ou vinte anos a caminho de Angola e o que recordava melhor eram as discussões dos pais na pensão do Conde Redondo onde ficavam entre tinir de baldes e resmungos exasperados de mulher.

(ANTUNES, 1998, p.09).

Muitas páginas após esta explanação é que o narrador fará saber que estava se referindo a Pedro Álvares Cabral.

Chama a nossa atenção a desconstrução de um certo *glamour* e sacralidade atribuídos às personalidades históricas, pois que os pais de Cabral são lembrados por suas desavenças no lar e pela vulgarização de seu cotidiano, como moradores de pensão sem luxos ou preocupações com a etiqueta social, ou mesmo com a educação doméstica.

O deslocamento temporal das personalidades históricas e literárias de *As naus*, transmutadas em personagens ficcionais, estará vinculado a dois tempos diferentes e aparentemente paradoxais: o tempo das Descobertas e o tempo do retorno das Guerras de Libertação contra o colonialismo português em terras africanas, em meados da década de 1970, do século XX.

Por seu turno, Torero e Pimenta irão fazer uso de um recuo no tempo, regredindo ao tempo das Descobertas, parodizando até mesmo os modos de escrita vigente na chamada Literatura de Informação, trazendo um narrador que assim se expressa: “Desta vila de

Buenos Aires, hoje, 17 de abril da Era do Senhor de 1536: Cosme Fernandes, Dito Bacharel”.

Pensando estes recursos dentro da questão pós-colonial, aqui entendida não apenas enquanto um período histórico posterior aos processos de independência das Colônias, mas, principalmente conforme o que propõe Boaventura de Sousa Santos (2008, p. 233) para quem o pós-colonial seria “(...) um conjunto de práticas (predominantemente performativas) e de discursos que desconstruem a narrativa colonial, escrita pelo colonizador, e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado”, *Terra Papagalli* configura-se como um romance permeado por signos de derrisão, ironia e humor propriamente dito, recorrendo à mímica das grandes narrativas coloniais.

Também pela acepção de *Terra Papagalli* enquanto termo que, forjando os modelos de declinação do latim, significa terra dos papagaios, são estes pássaros uns imitadores das vozes humanas, fazendo mímica dos sons da fala de modo a dar a ilusão de que falam, causando o fascínio dos europeus por este animal.

Dessa forma, o livro traduz uma boa percepção sobre as forças desiguais que operam efetuando representações da nação e as facetas históricas que fundamentam estratégias legitimadoras das versões oficiais.

As estratégias esboçadas na ação de remexer a ordem temporal demandam uma dada inquietude quanto ao que concerne à condição histórica, suscitando um escrutínio de papéis da memória instituída e mais exatamente da representação do passado da nação.

Sob as narrativas ora analisadas recai certa aparência de contraste entre um passado idealizado e presentificado simbolicamente por uma rede imaginária de ícones da nacionalidade (hinos, bandeiras, literatura, história oficial, datas comemorativas) e um tempo presente em que o jogo das representações da memória nacional encontra-se em contínuo movimento (provocando, por vezes, abalos sísmicos em suas interpretações e rupturas com versões tradicionais):

A oposição entre apresentação e presentificação continua, porém, a operar no interior do campo objetal dos correlatos da consciência intencional, bem como a distinção entre lembrança primária e lembrança secundária, enquanto variedades temporais da presentificação, do ‘tornar presente’, o que não ocorre com o presente no sentido de apresentar. Essas mesmas análises consideradas a partir da lembrança, e não mais da *Bild* ou da *Phantasie*, aumenta a complexidade das coisas, mas enquanto dada de novo, ela impõe a lembrança como uma modificação *sui generis* aplicada à percepção; sob esse segundo aspecto, a *Phantasie* poria ‘suspensão’ (*aufgehobene*) a lembrança, a qual seria, por causa disso, mais simples que o fictício. Teríamos, assim, a sequência: percepção, lembrança, ficção.

(RICOUER, 2007,p.65)

Ricouer aponta, assim, as marcas da fratura entre apresentar e presentificar, buscando explicar as demandas da lembrança e da memória e a forma como a imaginação pode articular elementos fictícios, fantasiar, fantasmagorizar, acionar dispositivos de lembrança e de esquecimento.

No caso deste estudo, as modalidades temporais deslocadas nas narrativas focalizadas propõem um entrelaçamento entre o passado e o presente, mas exige a retomada do passado para fomentar questionamentos frente aos relatos já cristalizados e arraigados na memória coletiva.

Vislumbramos obras literárias que se distanciam assombrosamente ante o olhar da recepção crítica instituída, mas que se aproximam muito por seus temas e seus recursos à ironia, ao humor e à desestabilização das interpretações histórico-nacionalistas.

Tais discrepâncias são agora lembradas como forma de chamar atenção ao modo como involuntariamente os estudos de Literatura Comparada parecem ser entendidos como formas de estabelecer hierarquias valorativas. Assim, poderíamos correr o risco de classificar e determinar ordem de importância entre as obras tratadas e, neste caso, os instrumentos de avaliação da crítica canônica iria tornar escandalosa a discrepância entre os autores também, pois que José Roberto Torereo e Marcus Aurelius Pimenta são dois jornalistas brasileiros cuja fortuna crítica é ainda incipiente, enquanto António Lobo Antunes tem uma boa recepção de suas obras, já inscritas na Escola dos Tempos, conforme poderíamos supor através do empréstimo de uma prerrogativa de Harold Bloom ao analisar os livros e sua inserção no cânone.

Aqui contaria, ainda, a observação dos lugares consagrados a cada autor, mas sem perder de vista uma cartografia subentendida nesse processo: dois escritores brasileiros tratam de uma narrativa sobre o Descobrimento do Brasil, retomando a História dos tempos da Colônia. Contudo, o fazem cinco séculos depois de transcorrida a ação a que se voltam, no contexto das comemorações dos 500 anos do Brasil – comemoração não consensual e permeada por tensões.

Por outro lado, o escritor português António Lobo Antunes vai revisitar os vários rastros da História portuguesa, cruzando o período dos Descobrimentos com os acontecimentos históricos recentes, a propósito das Guerras de Independência nas ex-colônias portuguesas na África.

O sentido crítico assumido pela ironia, pela comicidade e mesmo pelo grotesco e pelo ridículo, em ambas as obras de que tratamos, estilhaça e contesta o quadro de referência da

história instituída e, por conseguinte, afeta as figurações da nacionalidade, a percepção acerca das identidades nacionais e os lugares de memória.

A constituição mútua das representações sobre o colonizador e do colonizado, assim como a representação do passado, não dispensa determinadas doses de autocrítica das duas partes envolvidas, no âmbito dos romances que analisamos.

De algum modo, nos tempos atuais parte significativa da literatura brasileira, bem como da literatura portuguesa, passam a se ocupar da imagem nacional, de uma maneira diferente daquela como o fizeram seus predecessores que claramente se comprometeram com a identidade nacional e com narrativas que atendessem aos propósitos da representação da nação. Para isso, não declinam de estimular um olhar mais inquiridor frente às narrativas oficiais, seja à procura de respostas sobre o ser e o vir-a-ser de suas nações, seja porque em nas práticas performativas dessas nações é possível instaurar renovações e críticas.

A percepção colonial das diferenças étnico-culturais trouxe a ordenação hierárquica de valores culturais e, de alguma maneira, conseguiu disseminar e introjetar idéias sobre inferioridade e superioridade no âmbito das culturas e das nacionalidades. O diálogo que buscamos estabelecer entre *As naus* e *Terra Papagalli* ao focalizarmos as figurações da nacionalidade, neste trabalho, passa pela importância de notar os artefatos literários de transformação e assimilação de outros textos, pelo modo como escritos literários são incorporados como representantes de um país, sendo mais notórias aquelas textualidades que assentam os mitos fundacionais. Nas duas obras abordadas, o recurso às metáforas de riso e de comicidade, dentre outras tantas, assentam as metáforas da nação.

É necessário não descuidar que a era dos Descobrimentos, revisitada pelos romances, não pode ser tomada em sentido linear, mas num sentido conjuntural, que tem como marcos a Reforma, a Inquisição, o Concílio de Trento e as modificações na economia que, neste momento, torna-se monetarista e metalista, sinalizando as bases de um capitalismo incipiente e sua repercussão na vida das sociedades.

Em particular para o Brasil e para Portugal, o período das Descobertas tornar-se-á decisivo para os rumos de suas histórias, em perspectivas diferentes, por conta dos impactos específicos do encontro beligerante do colonizador com o colonizado. Na perspectiva do Colonizado português, Eduardo Lourenço (1997) chega mesmo a elucidar a questão ao nomear seu texto como “As Descobertas como mito e o mito das Descobertas”, considerando, ainda, que:

Toda leitura do nosso passado como digno de memória está suspensa do 'facto' Descobertas. E como essa leitura é uma trama densa de textos em que esse 'facto' se comentou, se glosou, cantou, analisou, mais raramente se discutiu, nela e com ela se constitui o mito português por excelência do povo descobridor. Não temos outro.

(...) o discurso mítico de Portugal articulou-se em torno das Descobertas.

(LOURENÇO, 1997, p. 139)

A memória das Descobertas vai encobrir, por muito tempo, os choques e as tensões da relação entre as partes (colonizador-colonizado). No tocante a *Terra Papagalli* e *As naus*, as oscilações entre História e ficção, assim, como entre o passado e a contemporaneidade, engendram um diálogo que, paradoxalmente, pondera o porvir.

Por seus títulos, o mar implícito nas naus (metáfora de imensidão e flutuação, que dá mobilidade às naus) e a terra (ponto de chegada, estabilidade) tornam visíveis as comunicações entre *Terra Papagalli* e *As naus*. E se pensados em seus contextos de referência, isto é, os séculos XV e XVI, o mundo é apenas um lugar de passagem e o homem é só um passageiro, um navegante nas naus instáveis e um aventureiro nas terras que explora.

Sob os escombros da experiência histórica de que tratam os romances escolhidos, incorpora-se a tensão entre o fictício e o real, como esferas coexistentes.

Acerca da desconstrução da cronologia histórica e da justaposição das temporalidades, nos adverte Homi Bhabha:

O presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica: nossa autopresença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas descontinuidades, suas desigualdades, suas minorias. Diferentemente da mão morta da história que conta as contas do tempo seqüencial como um rosário, buscando estabelecer conexões seriais, causais, confrontando-nos agora com o que Walter Benjamin descreve como a explosão de um movimento monádico desde o curso homogêneo da história, "estabelecendo o presente como o tempo do agora"

(BHABHA, 1998, p. 23)

Sistemas de representação e processos culturais podem ser lidos nas entrelinhas das discussões sobre tempo e história, requerendo nossa atenção para melhor favorecer a análise.

O livro dos brasileiros José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta começa antes da narração propriamente dita, pois que na sua capa há o provocativo subtítulo: "narração para preguiçosos leitores da luxuriosa, irada, soberba, invejável, cobiçada e gulosa história do rei do Brasil". Seria supérflua a observação sobre os sete pecados capitais operando uma patente ironia com relação aos dogmas da Igreja.

Segue-se o texto antes da narração em si, no "Agradecimento aos meus dentes", num jogo de intertextualidades que começa a vislumbrar um pretense tempo bíblico ("...Os que louvam ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó pela criação do mundo, sem o qual, reconhecem mui sensatamente, não teriam muito do que falar." (p.05), que se perfaz num tom

machadiano antropofagicamente lido, como numa simulação de uma memória póstuma do narrador Cosme Fernandes: “Eu, porém, como estou a escrever uma carta e não um livro, agradeço apenas a esta meia dúzia de marfins amarelados” (p.05), tal Brás Cubas, conhecido personagem do escritor brasileiro Machado de Assis, ao dedicar seus escritos ao verme que primeiro lhe roeu o cadáver.

Recorrendo a uma desarrumação do tempo, encontramos em *As naus*:

Passando por uma placa que designava o edifício incompleto e que dizia Jerónimos esbarrávamos com a Torre ao fundo, a meio rio, cercada de petroleiros iraquianos, defendendo a pátria das invasões castelhanas, e mais próximo, nas ondas frisadas da margem, a aguardar os colonos, presa aos limos da água por raízes de ferro, com almirantes de punhos de renda apoiados na amurada do convés e grumetes encarapitados nos mastros aparelhando as velas para o desamparo do mar que cheirava a pesadelo e a gardênia, achamos, à espera, entre bancos e remos e uma agitação de canoas, a nau das descobertas.

(p.11)

Neste trecho do romance, imagens urbanas contemporâneas de Portugal convivem em meio a tipificações caricaturais do passado, mais uma vez misturando o passado e o presente, reforçando a simbologia do mar, que desampara seus navegadores e que “cheira a pesadelo” ao passo que também cheira a flores, pois que é temido e desejado, horroriza, mas atrai: é porta de comunicação com o restante do mundo, associa-se às glórias e às mortes.

O valor simbólico do tempo alude a uma provável tendência do povo português a crer e a tentar vitalizar um passado desgastado e defasado, ainda apoiado na sacralização das personalidades históricas, desatento à corrosão que o passar dos tempos impuseram.

Podemos asseverar, ainda, que o narrador de *As naus* propõe, criticamente, uma outra percepção sobre o tempo presente que, por seu turno, revela anacronismos (de hábitos, de práticas políticas, de vida econômica, de ordem cultural) vividos por Portugal – ou um certo sonambulismo de uma nação que não despertou para o presente. Desta forma, o país, fantasmagoricamente, vive de um passado morto e desintegrado, misturando vivos e mortos num caos temporal em que a noção de tempo está perdida.

Das discrepâncias temporais, o homem de nome Luís, tacitamente referenciado a Luís de Camões, aparece como personagem principal em *As naus*, a carregar o corpo do seu pai-pátria consigo, acompanhando seu processo de decomposição:

(...) e erguendo os sapatos de fivela sempre que o vomitado dos vizinhos, que adquirira um palmo de altura e os obrigava, de meias ensopadas, a agarrarem-se às pegadas a fim de que o cadáver não lhes escapasse, à deriva num caldo em que flutuavam lavagantes, transportando consigo os valetes e ases da partida decisiva. (p.20)

O cenário é extremamente nauseabundo, sujo, miserável e vulgar, dando margem a que pensemos numa possível alusão ao contexto histórico de Portugal que, longe de confirmar

a nobreza edificada desde seu passado, se converte numa nação pouco ajustada à Modernidade, em termos de economia, de política, de lugar entre as potências da Europa.

O pai do homem de nome Luís, simbolizando Portugal (e as vicissitudes de sua morte), ocupa destacado lugar no romance, sendo muito relevante para a compreensão da narrativa, especialmente por Camões se circunscrever à categoria de um mito, de um escritor que fez de *Os lusíadas* um épico mitificado e fundacional daquela nação, que também alimenta o mito do sebastianismo.

Na contemporaneidade em que o personagem é posto, o depósito do corpo do pai-pátria serve apenas para assentar as jogatinas e Camões, passa, então, a figurar entre os mitos em desencanto. Segundo Maria Alzira Seixo (2008):

Entre a exaltação patriótica de feitos ilustres que Camões ofereceu ao rei e o poema que o Homem de nome Luís nunca chega a oferecer, entre a glória cantada e a batalha perdida, entre a partida do monarca para a batalha que pensava ir vencer e a sua derrota e desaparecimento, insinua-se o desencanto do mito desfeito, particularmente presente na constatação, pela personagem, do irrealismo do sonho daquele bando (ou de um país), doente e miserável, que já mais nada espera e continua a aguardar, *ao som de uma flauta que as vísceras do mar emudeciam, os relinchos de um cavalo impossível*. (p. 455)

Também os sonhos da nação, assim como Portugal como uma nação dos sonhos, perde seus encantos, uma vez que a realidade contemporânea mostra a fragilidade e a inconsistência das representações da nação perante o mundo contemporâneo.

Encontramos, ainda, um importante contraste com *Terra Papagalli*, pois enquanto na obra brasileira há o louvor aos dentes, numa acepção simbólica de deglutir, de engolir e de processar outras narrativas e outras referências que alimentam o texto de Torero e Pimenta, em *As naus*, os enlevos intertextuais tendem para o grotesco, expelem, regurgitam, sustentando em várias passagens narrativas a imagem de vômitos, induzindo, inclusive, à desconfiança de uma analogia entre naus e náuseas: “Lembrava-se da casa de banho colectiva, com um lavatório de torneiras barrocas imitando peixes que vomitavam soluços de água parda pelas goelas” (p. 09)

Aqui, de modo repulsivo há associação simbólica entre o vômito e água parda, além de emanar o ar da pobreza e das dificuldades materiais que não permitiam aos pais de Cabral dispor da privacidade de um banheiro.

A mesma metáfora entre digestão e vômito aparecerá adiante: “uma máquina de vender chocolates e cigarros estremecia de febre a um canto, vomitando caramelos após uma complicada digestão de moedas (...).” (p.13).

Traço forte do questionamento a um passado fundador e legitimador, a opção por trazer no romance os vultos da história nacional para a condição de retornados após o abril de 1974, é também mostrar que este retorno é por si só é uma aventura e talvez a maior das viagens

empreendidas, pois que os que retornam já não são os mesmos, bem como também Portugal já não é o mesmo país, como bem explicita esta passagem:

Famílias inteiras regressavam a Lixboa em longas bichas cansadas, e D. Manoel procurava a carteira na blusa, nos bolsos do manto de arminho, no interior da armadura que transportava no banco traseiro do carro, de mistura com flechas de besteiro e uma metralhadora israelita, e acabou por exhibir um pergaminho de caracteres góticos enrolado nos sucessivos sedimentos de lixo do tablier, que o polícia examinou no desinteresse com que se olham os prospectos de propaganda dos aparelhos para surdos, impingidos à saída dos cinemas por maltrapilhos favoráveis ao ruído. (p. 185)

Essas focalizações literárias das personalidades históricas subvertem as narratividades oficiais e operam um efeito demolidor das Verdades fixas, oferecendo a oportunidade de releituras em que a ficção, tendo se amparado em relatos de experiências empiricamente sancionadas pela História, procura outras significações.

Em *Terra Papagalli* a história do Brasil é contada a partir do prisma de um degredado (Cosme Fernandes), também desfazendo a megalomania nacional dos grandes nomes e dos grandes homens e, mesmo, de uma narrativa grandiloquente.

A própria genealogia do personagem principal não se arvora a se inscrever na nobreza de honrarias e nomes:

Começo por dizer, senhor conde, que meu pai chamava-se Melquisedeque e minha mãe, Raquel. Os dois serviram no castelo de Marbella, onde foram leais servos. Meu pai – e disso dão fé os livros dos feitos notáveis – até mesmo perdeu uma perna na batalha de Torremolinos contra a malvadíssima gente mourisca. Nesse combate feriu de morte a dezassete janízaros, mostrando-se valente como um tigre para preservar a vida desse nobre que, mui sabiamente, escondera-se num barril” (p.09)

As metáforas da relação pai-filho surgem aqui duplamente qualificadas: a origem do personagem encarnando a coragem do pai em contraponto à origem da nação brasileira.

Decerto, não há qualquer traço de superioridade ou singularidade de caráter ou de qualidades outras na origem de Cosme Fernandes (que, por seu turno, está escrevendo o livro/carta a um destinatário que é o seu próprio filho), mas é necessário determinar o nome do pai e até instaurar admiração pelo progenitor, numa subentendida assertiva sobre quem é o pai do Brasil que, em verdade, aos olhos críticos da narrativa em questão, se mostra órfão.

Há um cuidado paternal com a preservação da memória, com a imagem de origem a ser fixada nessa memória. Contudo, o narrador de *Terra Papagalli* não hesita em desfazer os desvarios de grandiosidade da origem do Brasil: “Os homens que estão sendo desterrados comigo vieram de várias partes do Reino e seus delitos e atos vergonhosos poderiam encher um livro maior que a *Suma Teológica*.” (p.27).

O rigor cristão católico condenava ao degredo os delitos legalmente graves e os moralmente indesejáveis, colocando numa mesma balança os infratores da lei, da ordem de

ladrões, assassinos e estupradores e aqueles que cometiam o pecado da sodomia, das supostas feitiçarias e outros atos em desacordo com os prescritos moralizantes.

Por seus elementos desconstrutores, nas suas rotas específicas, ambas as narrativas abalam os referenciais simbólicos da nacionalidade brasileira e portuguesa e convidam à releitura da História.

Para uma compreensão mais consistente acerca das rotas e das confluências entre a Literatura e a História, convém observar que, na perspectiva de Lloyd S. Kramer (2001, p.136-137):

A dimensão fictícia e imaginária de todos os relatos de acontecimentos não significa que eles não tenham realmente acontecido, mas, sim, que qualquer tentativa de descrever os acontecimentos (mesmo enquanto estão ocorrendo) deve elevar em conta diferentes formas de imaginação. Além do mais, todos os relatos de realidades históricas devem, inevitavelmente, levar em conta uma filosofia da história. Em outras palavras, ao se escrever história é impossível prescindir de uma narrativa ficcional e filosófica, e não se pode simplesmente sancionar a distinção disciplinar que os historiadores usam para se distinguir dos filósofos e dos autores de obras literárias.

Os aparatos conceituais e de criação implícitos nas narrativas da História e da Literatura levam a uma possibilidade de ampliação interpretativa, sem, entretanto, negar as peculiaridades metodológicas de cada uma.

Verificar as rotas e as confluências da Literatura e da História não significa o desprezo pelos pontos em que os afastamentos entre ambas se insinuam, mas considerar o quanto suas aproximações permitem e geram condições de ativar questionamentos críticos.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura**; tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ANTUNES, António Lobo. **As naus**. Publicações Dom Quixote/Círculo de Leitores. Lisboa: 1988.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

LOURENÇO, Eduardo. **As descobertas como mito e o mito das Descobertas**. In: Colóquio Literatura dos Descobrimentos. Comunicações Lisboa: UAL, 1997.

KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra. IN: HUNT, Lynn. **A nova História Cultural**; tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RICOUER, PAUL. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SEIXO, Maria Alzira. **Dicionário da Obra de António Lobo Antunes.** Vol. I. Imprensa Nacional-Casa da Moeda: 2008

TORERO, José Roberto & PIMENTA, Marcus Aurelius. **Terra Papagalli: narração para preguiçosos leitores da luxuriosa, irada, soberba, invejável, cobiça e gulosa história do primeiro rei do Brasil.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.